

Cai número de miseráveis na Capital

(Rodrigo Viana)

Região metropolitana é a 3ª no Brasil em menor quantidade de indivíduos abaixo da linha da pobreza, com 4,5%

Região metropolitana de Goiânia é a 3ª do País com menor número de miseráveis, atrás somente de Curitiba e municípios adjacentes. Dados são mostrados pelo Atlas do Bolso dos Brasileiros da Fundação Getúlio Vargas (FGV), ferramenta que organiza os dados da Pesquisa Nacional de Amostragem por Domicílios (Pnad) e compara com a série histórica. O site mostra que 4,5% da população vive abaixo da linha da pobreza na Capital goiana e entorno. Estado também apresenta números positivos: é o 6º em menor número de miseráveis no País (10,25%).

Goiânia e Goiás ostentam, respectivamente, as menores taxas de pessoas abaixo da linha da pobreza na série histórica. Há dez anos, esse índice na Capital era quase dez pontos percentuais maior (13,63%). No Estado, a taxa chega a quase 15 pontos percentuais maior (25,75%) que a de hoje. Neste quesito, Goiânia está atrás de Curitiba e Florianópolis. No ranking por Estados, Goiás está atrás de Santa Catarina, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Distrito Federal.

Brasil tem o menor percentual de miseráveis da população total da série histórica (16,02%), quando já teve picos de 28,82% em 1996. Desde 2003, a taxa vem caindo ano a ano: 28,12%, 25,4%, 22,8%, 19,32%, 18,26% e 16,02%. Já na comparação entre as grandes regiões, o Centro-Oeste não tem posição de destaque. Sul e Sudeste têm menos miseráveis (7,29% e 9,68%, respectivamente). Norte e Nordeste são os que têm mais (19,07% e 30,69%, respectivamente). O índice no Centro-Oeste é de 10,49%.

Centro de Políticas Sociais da FGV organizou os dados da Pnad em tabelas que demonstram realidades do País, regiões, Estados e capitais em tabelas que retratam a série histórica desde 1996. Para se ter uma ideia, o levantamento de tais números pelo site do IBGE precisa ser feito ano a ano para se chegar a uma comparação.

“A filosofia do nosso trabalho foi juntar as partes da Pnad e colocar de um modo pedagógico no site”, afirmou Marcelo Neri, da FGV. “Pegamos os microdados disponibilizados pelo IBGE e montamos um retrato do bolso do brasileiro para que cada um possa analisar a parte que interessa e desenhar o quadro”, disse.

Positivos

De números prontos em mãos, Marcelo Neri logo destacou os pontos positivos de Goiás e Goiânia, principalmente com a ascensão das pessoas às classes mais altas junto com a redução da desigualdade social, medida pelo Índice de Gini, um coeficiente utilizado para mensurar as diferenças entre ricos e pobres. “Vimos ainda que o goiano e o goianiense têm dependência menor dos programas de distribuição de renda do Estado, aliado a uma população mais jovem.”

Números contradizem o relatório da ONU divulgado este ano que afirma que Goiânia seria a cidade com maior desigualdade da América Latina. Estudo foi feito entre 19 cidades de grande e médio portes citadas no relatório Estado Mundial das Cidades 2008/2009. Análise da distribuição da renda foi feita a partir do Índice de Gini.

Conforme os critérios da ONU, coeficientes acima de 0,4 superam a chamada linha internacional de perigo. Goiânia tem índice de 0,65. Segundo o relatório, Goiânia, Brasília, Belo Horizonte, Fortaleza, São Paulo e Bogotá, na Colômbia, apresentam maior concentração de renda na América Latina.

Economista Aurélio Trancoso explica a realidade dos números. “As pessoas estão saindo da linha da miséria, mas ficando na pobreza”, disse. Para ele, o fato de o número de pessoas abaixo da linha da pobreza ter diminuído é trabalho de programas sociais como Bolsa Família, aliados a políticas habitacionais.

